

"IN MEMORIAN"

DE RUBEN A. L.



Alexandre O'Neill  
Carlos Baptista da Silva  
José-Augusto França  
José Andresen Leitão

Carta em 19/out. / agradeceu  
e informou que a "dedicatória"  
vai implicar no final do pre-  
âmbulo ao artigo curial.

Lisboa, 15 de Outubro de 1976

hp = Luís Amaro:

Temos o gosto de acusar a recepção e agradecer o seu trabalho intitulado "O significado econográfico e mítico dos Bons Pastores Indo-Portugueses", condensação do capítulo final da monografia inédita que através do seu Serviço de Belas-Artes a Fundação Calouste Gulbenkian projecta publicar e que se destina a ser integrado na obra colectiva que estamos a organizar de homenagem ao nosso comum amigo Ruben Andresen Leitão.

Gostaríamos de lhe perguntar se deseja fazer acompanhar a publicação referida de alguma dedicatória, e, em caso afirmativo, poderia indicar-nos os respectivos termos a incluir antes do início ou no termo do seu texto.

Não deixaremos de procurar enviar para correcção as provas respectivas logo que o livre entre para a tipografia.

Todavia receamos que o atraso na respectiva revisão possa comprometer o programa que desejaríamos cumprir, que é o da publicação da obra no próximo Natal. Aliás o revisor que se ofereceu para o efeito, é o poeta Luís Amaro da Revista Colóquio/Letras, pessoa de grande prática e de segurança nas revisões, que nos deixa perfeitamente tranquilos a esse respeito.

Aceite os nossos melhores cumprimentos.

MA Comissão Organizadora

(Carlos Baptista da Silva)

Exmo. Senhor  
Arqº. Bernardo Ferrão  
R. Senhora da Luz, 24  
Foz do Douro  
PORTO

(A preencher pelos CTT)

41

# RECIBO

Registro n.º \_\_\_\_\_

7786

Categoria \_\_\_\_\_

Operações acessórias \_\_\_\_\_

A cobrar \_\_\_\_\_

Por avião - Não

Empregado,



(A preencher pelo público) (a)

Destinatário

Dr. Carlos Raposo  
Tada Silva

Morada

Rua do Navio  
Lis - n.º 53 - 5.º - D.º  
di.º 2

(a) Facultativo.



Alexandre O'Neill  
Carlos Baptista da Silva  
José-Augusto França  
José Andresen Leitão

*Carta p. cmr 20/21  
cmr e J. A. França  
em 30/9/76*

Lisboa, 28 de Setembro de 1976

*Seu Ex.ª:*

Na sequência da carta que o Doutor José-Augusto França oportunamente enviou a V.Ex.ª., vimos informar que se estabeleceu a data de 15 de Outubro próximo como limite ao envio de colaboração destinada ao "in memoriam" do nosso saudoso Ruben A. uma vez que se projecta a sua publicação para o próximo Natal.

Nestes termos muito gostaríamos de receber notícias àcerca da colaboração que V.Ex.ª. poderá prestar à homenagem, iniciativa de todos nós.

Aceite os nosso melhores cumprimentos. *[assinatura]*

*[assinatura]*  
A Comissão Organizadora

*[assinatura]*  
(Carlos Baptista da Silva)

*Rua da Navigação  
53-50. 2º*

*Ld.-2*

Exmo. Senhor  
Eng.º Bernardo Ferrão  
R. Senhora da Luz, 24  
Foz do Douro  
PORTO

*Recebido o original do artigo  
do Dr. C. B. da Silva em 10/10/76  
registado*

JOSÉ ANDRESEN LEITÃO

Rua Fernão de Magalhães, 11

LISBOA

22-1x-76

Deu 30/9/76 cumprimento ao J.A.  
frança a Chabopacul pedindo a  
transmissão ao J. Vêtor e C. B. Silva  
Men com Bernardo

O grupo que está a organizar  
o livro do Ruben está entre outros  
em minha casa, em sessão de trabalho.  
Revolven-se escrever os que não  
reponderam ou não finalizaram o trabalho  
para a publicação. Como pretendo  
a edição antes do Natal estamos com o  
maior das pressas.

Pedimos que vos dê uma resposta  
urgente,

A Li está em Paris e em um  
lá esta semana por uns dias. Poder escrever



pare a Carlos Baptista de Silva, Fundador  
fulbeira, ou pare um, que ainda vive  
a terra.

Espero que estas lhe se saia e  
vamos — grande abraço para a tua  
mãe e Loreti,

/ N.º

S. M. L. L.

Resposta  
alçada  
em 30/9/70

Agradecemos a carta de V. Ex.<sup>ta</sup> que  
velis ao encontro da intenção de lhe  
designarmos um comitê a colaborar na  
iniciativa de homenagem póstuma ao nosso  
querido amigo Ruben A. Pereira. Os membros  
do comitê têm seguido lentamente a mais,  
por razões de ordem prática, e V. Ex.<sup>ta</sup> está  
na longa lista ~~de~~ ~~amigos~~ daqueles que certamente  
nos honrariam com a sua participação.

Aproveitemos, porém, a oportunidade  
de carta de V. Ex.<sup>ta</sup> para explicar o assunto,  
sem mais demora, aos meus amigos do  
comitê — e uma única objecção se  
levantou, a de extensão do trabalho que  
nos propõe e o facto de ter de ser ilustrado.  
Isto sobretudo nos acarreta despesas



(Propositamente)

microportáveis dado que a tarefa é uma iniciativa particular, com subsídios.

Esperamos que V.ª possa dar outra solução a este tão desigual colaboração e ~~ficar~~ ficamos aguardando o favor de suas notícias.

Pelo a V.ª: que me creia, com a melhor consideração e muito atentamente

Dr. Augusto Franco



Alexandre O'Neill  
Carlos Baptista da Silva  
José Augusto França  
José Andresen Leitão

Lisboa, 22 de Julho de 1976

Exmº Senhor Engº,

Um grupo de amigos de Ruben Andresen Leitão prepara-lhe homenagem com a publicação de um livro à sua memória que reunirá colaboração de poetas, escritores, historiadores, críticos, artistas plásticos e amigos pessoais.

Para tornar possível a concretização desta iniciativa gostaríamos de poder contar com a sua colaboração através de um trabalho inédito.

Dado que se pensa levar a efeito a edição da obra ainda no decurso do corrente ano, muito agradecemos que pudesse responder-nos com a possível urgência e, se a resposta fôr afirmativa, qual o modo da sua colaboração, se com um trabalho sobre Ruben Andresen Leitão ou a sua obra, se de outra índole e a ele dedicado - texto que não poderá todavia exceder, em princípio, seis páginas dactilografadas.

Antecipadamente agradecidos, aproveitamos esta oportunidade para lhe enviar os nossos melhores cumprimentos.

*Para Correio*  
*Carreira*

*Y. Leitão*

Exmº Senhor  
Engº Bernardo Ferrão  
Rua Senhora da Luz, 24  
Foz do Douro  
PORTO

P.S.- Queira enviar a sua resposta ao cuidado do Dr. Carlos Baptista da Silva - Rua dos Navegantes, 53 - 5º Dtº - Lisboa 2



O SIGNIFICADO ICONOGRÁFICO E MÍTICO DOS "BONS-PASTORES"  
INDO-PORTUGUESES

Por: Bernardo Ferrão de Tavares e Távora

Uniam-nos o Porto, onde vivíamos, e relações familiares, mas só muito tarde a vida permitiu que contactasse intelectualmente com o Rúben Andresen Leitão, já na plenitude de funções públicas, ultrapassadas as suas fases de historiador e romancista ilustre. Laços fortes estreitaram, então, tais relações: o amor por tudo quanto o nosso gênio artístico criou na maravilhosa sumptuária nacional e uma paixão absorvente pela faiança portuguesa.

Sempre inquieto na sua versátil, mas profunda, vontade de criar, de fomentar, de auxiliar, poeta no pensamento, no amor e na palavra, mas objectivo e persistente no querer, o seu espírito fervilhava em iniciativas, e em duas delas tive o privilégio de colaborar: a montagem da exposição de faiança do distrito de Viana, em 1970/71, que entusiasticamente concebera, e a preparação dos dois primeiros volumes dos "Albuns de arte portuguesa", a editar pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em que pusera tanto interesse, e jazem, vai para três anos, no limbo do esquecimento, ou pior, da incúria.

Sempre o tive atento e prestável ao longo da via-sacra das minhas pobres tarefas de investigador e amator de arte, com o seu incentivo persistente, o seu apoio seguro, a sua crítica tão construtiva que se diria parcial. E ainda poucos dias antes de partir para Londres, e para a morte, cavaqueamos no Porto, longamente, sobre as faianças da sua querida casa de Estremoz.

Um amigo perdi, insubstituível. E não só eu, que muito dele podia esperar a intelectualidade portuguesa. Pedindo a Deus que o tenha à sua guarda, grato me é homenagear aqui, a sua memória saudosa, pela forma que, estou certo, mais lhe agradaria que o fizesse.

Os chamados "Bons-pastores" indo-portugueses são imagens provenientes da Costa do Malabar (poucas se podem atribuir à arte cingalesa), geralmente de marfim (as de madeira são raríssimas), cuja execução se processou, praticamente, apenas no decurso do séc. XVII, e se encontram abundantemente disseminadas pelas nossas colecções particulares e alguns museus e outras instituições e, também, no estrangeiro, com tal área de difusão que, pode afirmar-se, se estende da Indonésia ao Brasil e da Inglaterra à Itália. Grandes museus da Europa arrecadam, ciosamente, exemplares raros, ou até comuns, dessa imagem, e de tais factos é possível inferir não só o sucesso coevo que houveram no mundo que evangelisamos, mas o interesse que viriam a merecer como objecto de colecção, explicável, talvez, pelo seu aspecto de curioso exotismo, complexidade formal, tratamento artístico miniatural e hermetismo da interpretação iconográfica.

*Corpo menor - Mítico*



No Portugal, Índia e Brasil de seiscentos, não haveria igreja, convento ou oratório particular que não tivesse destas "Bons-pastores", e daí o grande número que logrou subsistir, três séculos decorridos.

Na sua forma canónica, e mais corrente, tais imagens representam o Menino Jesus adormecido, vestido de zagal, sentado sobre um coração atravessado de setas, em posição sui generis, no alto duma peanha affectando a forma do monte rochoso com vários socalcos, onde deambula o rebanho de ovelhas que pastoreia e se representam os motivos mais diversos, alguns imprevisos, de índole architectónica, decorativa, botânica, zoomórfica, simbólica, hagiográfica, bíblica, etc. É comum, nas peanhas, a existência de grutas, contendo uma, frontal, a imagem de Madalena estendida e duas, laterais, um par de leões afrentados, bem como a representação, no socalco superior, duma fonte ou chafariz de taças. É também característica a existência de ramagens amovíveis, emergindo dos flancos da peanha, e duma "Árvore", com seu tronco, ramos e folhas, elevando-se por detrás do menino Jesus, rematada pelas figuras do Padre Eterno e da pomba representativa do Espírito Santo. É frequente ter a peanha uma base decorada. Outras formas da imagem existem, menos comuns, que se poderão apelar de "aberrantes" pois embora sempre constituídas pelos elementos fundamentais, Menino Jesus e peanha, affectam aspectos muito dispare, que escapam às classificações correntes. Nelas a figura do Menino Jesus toma posições diferentes da referida, e a peanha formatos variados. Muito grosseiramente pode considerar-se dois tipos de tais modelos: com peanha não figurando o dito monte e desprovida de ramagens laterais e da "Árvore", ou então figurando-o, mas sem escalonamento em socalcos, e desprovida de ramagens, e raramente possuindo "Árvore". O primeiro tipo tem variantes, sendo fundamentais as de peanha com formato geométrico simples, sem decoração, e aquelas em que as peanhas apresentam formas variadas, com decoração. Naturalmente só com a representação figurada seria possível objectivar a enorme variedade de soluções desta imagem, tal a diversidade das suas variantes, criadas pela fértil imaginação e prodigiosa habilidade dos santeiros indús.

Os elementos que, subsidiariamente, ornamentam peanhas mais requintadas, ou de grande porte, (porventura resultando de encomenda especial) e que se distribuem pelos socalcos (geralmente 3, ou 2 ou 4 mais raramente) são, entre outros, os seguintes: um cão guardando o rebanho de ovelhas; pares de aves afrentados bebendo nas taças e tanques, ou pousadas na vegetação; animais dispersos, ou em cenas de perseguições, tais como coelhos, leões, gazelas, cobras-capelo, escorpiões, lagartos, cága-



dos, macacos, elefantes, isto no domínio zoomórfico. Motivos decorativos são as já citadas fontes, com a sua carranca, e os chafarizes de várias taças, colocadas no socalco superior, tendo filetes da água corrente; as grutas, acidentes naturais estilizados (podem chegar a ser 9) nas quais, além da Madalena e dos dois leões aludidos, se albergam personagens ou cenas bíblicas; nichos; cabeças de anjo; perlados e tarjas de bico-de-diamante, urnas floridas, vergõntes ondulantes, laureis, etc. Motivos fitomórficos, além das ramagens laterais e "Árvore", já aludidas, são pequenas palmeiras, ciprestes, plantas com flores de corolas em "catavento" (muito comuns), a planta indiana açoka, folhas de acanto e cardo, a vida, etc. A figuração espalhada pelos socalcos, ou dentro das grutas e nichos, tratada miniatualmente, aparece isolada, aos pares ou constituindo cenas e episódios. Os pares mais frequentes, são: Nossa Senhora e S. José, S. Pedro e S. Jerónimo, S. João Baptista e Sto. António, S. Domingos ou S. Francisco de Assis, e os 4 Evangelistas. Das cenas bíblicas, já se referiu o Presépio (muito comum) e citam-se: o Baptismo de Cristo, a visita de Sto. Antão a S. Paulo eremita (descrita no "Flos Sanctorum"), a Vindima Eucarística, Cristo sentado dando de beber a uma ovelha ou segurando na Cruz. Rara é a figuração do pelicano abrindo o peito, aos filhos, na aceção da Paixão de Cristo, ou Eucaristia.

As "Árvores", já anotadas, inserem-se, em geral, no tardo da penna por meio dum cachimbo, ou em rasgo apropriado, e são constituídas por peças encaixadas (ramos e folhas) ou talhadas em *placa* inteiriça.

Concluída esta resumidíssima síntese descritiva, é ocasião de esclarecer que, naugrado a abundância dos espécimes existentes destes "Bons-pastores" e o interesse em desvendar a sua origem e significado, poucos foram os autores que ao assunto se dedicaram, e todos bastante superficialmente. Referiremos os principais: Dalton (1909); Margarita Estella Marcos (1928); Egbert (1931); Morey (1936); Luis Keil (1938); Reynaldo dos Santos (1953/54); Maria Clementina de Carvalho Quaresma (1959); Maria Madalena de Cagigal e Silva (1965/66/68); Tardy (1966); Túlio Espanca (1966); Sherer, Strzygoroski, etc. A maior parte dos investigadores nacionais limitou-se a repetir as interpretações anteriores, e ainda foram os estrangeiros que mais se alongaram sobre o tema. As várias opiniões podem sumarizar-se da forma seguinte:

- 1- Interpretação cristã do sono cósmico de Krishna (Luis Keil);
- 2- O "Sonho de Jacob" sob a forma dum pastor adormecido, que é a interpretação daquele sono cósmico (Reynaldo dos Santos e Túlio Espanca);
- 3- Símbolo da "Trindade" católica (Madalena Cagigal);
- 4- Representação bíblica do Menino Jesus (Madalena Cagigal e Túlio Espanca);
- 5- Menino Jesus com traços,



ou ao geito, de Buda e Silva (Clementina Quaresma e Madalena Cagigal); 5- Evolução cristianizada duma fonte pública de Constantinopla na qual Constantino mandou substituir uma figura pagã pela do "Bom-Pastor" (Dalton); 7- Transposição cristianizada dum símbolo mazdeísta, identificando o Menino Jesus com o Yima dos Avesta (Strzygowski); 8- Influência oriental de Buda na concepção cristã da "Fonte da Vida" (Egbert e Margarita Estella); Morey e Tardy citam algumas destas interpretações, mas não emitem nenhuma. O facto da criação e da extinção deste tipo iconográfico se verificar no decurso do séc. XVII, sem se lhe conhecerem antecedentes locais ou europeus, faz cair pela base as eruditas e complexas congeminações de Dalton e Strzygowski, fundadas em tradições não formalizadas e, certamente, ignoradas pelos missionários portugueses que forneciam os protótipos das imagens, e pelos incultos santeiros indús que as executavam. As teorias 1 e 2 são francamente erradas: Krishna não teve qualquer "sono" que conste de mitologia, mas sim Vishnu (de que é avatar) e então se representa deitado na serpente gigante Ananta, flutuando no oceano cósmico. Por outro lado nenhuma ligação existe entre o "Bom-Pastor" indiano e o "Sono de Jacob", que não seja uma vaga semelhança de aspecto das suas representações, forçando-se a parecença de Jacob com o Menino, só por estarem dormindo. As demais interpretações não são despidiendas, mas francamente incompletas: analisam componentes das imagens, mas não o seu conjunto, ou este, sem ter aquelas em atenção.

Começando pelo princípio, podemos fixarmo-nos numa certeza: as imagens representam, inequivocamente, a plastisação da parábola evangélica do "Bom-Pastor". Tal é confirmado pela legenda "EGO SUM PASTOR BONUS!" aposta no cajado do Menino de certo conjunto, e pela representação do rebanho disperso nas peanhas, guardado pelo Menino-pastor, vestindo a sua túnica de pele, com a cabaça e o bernal a tiracolo, o cajado nas mãos e a "ovelha perdida" posta sobre o ombro e no colo. Mas são, simultâneamente, a expressão da Santíssima Trindade católica, já que apresentam, reunidos, o Padre Eterno (no alto da "Árvore"), o Filho, Cristo incarnado, na figura de Menino Jesus, e o Espírito Santo, sob a forma clássica de pomba, junto do Padre Eterno. E dentro deste aspecto verifica-se, também, equivalência entre Cristo Salvador, a 2ª pessoa da Trindade católica, e Krishna, avatar humano de Vishnu, a 3ª da Trindade induísta (Trimurti): Brahma, o Criador, Siva, o Destruidor, e Vishnu, O Conservador, este também incarnado para salvação da humanidade. Um dos aspectos que Krishna tomou foi, precisamente, o de pastor de gado, (Gopala), a exemplo do "Bom-Pastor" evangélico. Prova desta equivalência é uma figurinha de Gopala existente na peanha de certa imagem de "Bom-Pastor", caracterizada, como tal, pela flauta que toca (com a qual encantava homens e animais, como o Orfeu grego) e identificável com o Menino Jesus do conjunto por posição e indumentária semelhantes.



Do ponto de vista iconográfico insere-se a figura do Menino também na arte búdica, pela representação, naturalista ou estilizada, do seu cabelo em caracóis contíguos, e nas escolas do Gandhâra e Post-Gupta, dada a forma como se senta, à europeia, mas com as pernas cruzadas abaixo do assento. A posição do braço direito dobrado, tendo o cotovelo apoiado na coxa e a mão na face é, também, típica das representações orientais da "Primeira Meditação" de Buda como Bodhisatva, e de Maitreya (O Messias búdico das idades futuras), sendo comuns as expressões faciais, de olhos semi-cerrados e sorriso hermético, em concentração expectante. Os atributos pastoris do Menino (cajado, bernal, e cabaça) são europeus, e a sua túnica semelhante, no talho, ao colobium das representações do "Bom-Pastor" páleo-cristão, à vista dos personagens da dinastia Kusâna, da arte de Mathurâ, e a trajos persas seiscentistas.

A peça cordiforme em que o menino se senta, é de inspiração metropolitana, ligando-se à etnografia popular, à heráldica monástica (dos Agostinhos, por ex.) ou, mais verosimilmente, à imaginária portuguesa dos Meninos Jesus da Contra-Reforma, que têm corações por peanha, neles se sentam, ou os seguram nas mãos, prenunciando a devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

Fundamental é <sup>o aspecto</sup> / das peanhas que, na sua forma, prolixidade decorativa, e divisão em socalcos, parecem inspirar-se nas torres dos Gopurani, templos indianos da arte Dravidiana. Mas o significado profundo da respectiva composição, traduz o conceito tradicional do "Lugar Santo" induísta, morada dos Deuses, trono-microcosmo em forma de montanha rochosa, com as suas grutas, vegetação e fontes de água, encimada por uma árvore, sincretização da floresta sagrada primitiva e suporte de deidades e de reis. Aliás o tipo de peanha em forma de trono, com o rio de água viva e a árvore da vida constitui, por outro lado, o suporte do Cordeiro Divino, do Apocalipse, e integra-se nas paisagens dos textos bíblicos alusivos ao "Bom-Pastor". Pares de animais afrentados, ladeando a "Árvore", sejam os leões das grutas, as aves, ovelhas do cume da peanha, etc., são motivos de origem mesopotâmica assimilados pela Índia e correntes na arte indo-portuguesa. O mesmo se diga de pares de aves bebendo nas taças dos chafarizes, que vieram até ao nosso Românico. Alguns dos animais figurados terão fins puramente decorativos, mas outros assumem profundo significado na mitologia indú: os leões, símbolos da realeza e apoios de tronos reais; as aves rapaces, que tanto podem ser o Fénix, representativo da Ressurreição de Cristo, como o abutre Jatayus, montada de Vishnu; patos, ou gansos, nadando nos tanques, equivalendo ao Hansa, montada de Brahma;



elefantes, veículos da Índia; macacos, figurantes da epopeia de Râma; persguições de animais, motivos herdados da Mesopotâmia, com contributo persa, pela arte indiana.

A existência das grutas, naturalistas, forradas de núvens, ou decorativas, simulando conchas de vieira (motivo renascentista tão vivaz na arte indo-portuguesa), resulta como acidente natural da "Montanha Sagrada" indú, logicamente aproveitado como fogo de feras (os leões por ex.), e ambiente consagrado para a inclusão de Santos penitentes (Madalena, S. Pedro, S. Jerónimo, S. Paulo eremita) e do Presépio com os seus figurantes.

Nas fontes aparecem carrancas tratadas à maneira de "cabeças de monstro", ou Jaksa, motivo antropomórfico da arte indiana. Mas esta apenas inspirou a decoração dos chafarizes com taças, de origem tipicamente ocidental, que herdamos da Itália, e foi elemento comum nos nossos arranjos urbanos e de ajardinamento, dos sécs. XVI a XVIII. Profundo é o simbolismo das águas que deles jorram em abundância, implícito na concepção do dito "Lugar Santo" indiano; do "Rio de Água viva", do Apocalipse; do Paraíso, com quatro braços, do Génesis; e da tradição bíblica da "Fonte de Água Viva", depois "Fonte da Vida", motivo persistente da arte europeia medieval.

Importantíssima é a "Árvore" que coroa numerosos conjuntos. Já se viu fazer parte do "Lugar Santo" indú, e sabe-se que protegia o assento de Buda. De resto, às passagens mais relevantes da sua vida terrena estão sempre ligadas árvores. Elas também aparecem, plenas de conteúdo mítico, na descrição do Paraíso terreal, e do Trono do Cordeiro, do Génesis e do Apocalipse. A "Árvore da Vida" pertence ao fundo cosmogénico de todas as religiões orientais, e como representação, elevando-se à entrada da morada dos Deuses e protegida por guardiões, vem da longínqua arte mesopotâmica, por migrações complexas aparece na Pérsia, Índia e Oriente islâmico e até, esvasiada de conteúdo simbólico, na decoração do Românico europeu.

As pequenas figurinhas que representam Santos e cenas bíblicas são comuns nas peanhas e ligam-se, em geral: a devoções correntes na nossa Índia seiscentista (Sta. Maria Madalena e S. João Baptista são comuns na imaginária <sup>indo-</sup>portuguesa); à influência e preponderância das Ordens religiosas que a missionaram, tais os Franciscanos (S. Francisco de Assis e Sto. António) e Dominicanos (Se Domingos); à iconografia típica sequente às determinações da Contra-Reforma: santos penitentes e arrependidos (S. Jerónimo, S. Pedro, S. Paulo eremita), cenas dos Evangelhos (Natividade, Baptismo de Cristo), Santos fundadores, acima indicados, Cristo com emblemas da sua Paixão, etc.



Mais profundo é o significado do par S. José e Nossa Senhora, que às vezes ladeiam o Menino, e com ele constituem a Sagrada Família, e os 4 Evangelistas, dispostos dois de cada lado, com os animais do Tetramorfo. Identificam-se com os guardiões da "Árvore" do "Lugar Santo" onde se deu a Iluminação de Buda e com o Tetramorfo, referido pelo Apocalipse como rodeando o Trono do Cordeiro, que é aqui o "Bom-Pastor", Jesus Menino.

Se a influência europeia foi importante na concepção dos "Bons-Pastores" indo-portugueses, estas impuseram características exóticas em muitas imagens metropolitanas, nomeadamente do Menino Jesus, da Madalena e, sobretudo, de S. João Baptista.

De qualquer forma o "Bom-Pastor" é o motivo mais representativo da imaginária indo-portuguesa, não só sob os aspectos plásticos, decorativo e iconográfico mas, sobretudo, por consubstanciar, numa forma aparentemente ingênua, toda a profundidade e complexidade dos temas e simbolismos comuns ao fundo das religiões orientais, abraçando, a um tempo, a arte ocidental e a cristandade que os nossos Missionários levaram ao Oriente, e os conceitos plásticos e míticos do induismo e do budismo, profundas determinantes que enformaram as mãos e as almas dos plastifices que tais imagens criaram.

(Este texto é uma condensação, resumidíssima, do capítulo final da monografia inédita: "Bons-Pastores indo-portugueses de marfim", a publicar pela Fundação Calouste Gulbenkian).

Foz do Douro, Setembro de 1976



# ACTIVIDADE LIVREIRA



IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Ex.º(s) Senhor(es)

A Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vai editar no ano de 1979 a obra "IN MEMORIAM DE RUBEN A. LEITÃO", iniciativa de um grupo de intelectuais portugueses e de cuja comissão fazem parte entre outros Alexandre O'Neill, Carlos Baptista da Silva, José Andresen Leitão, José Augusto França, José Sommer Ribeiro e Luís dos Santos Ferro.

Tem este trabalho a colaboração de uma plêiade de intelectuais portugueses e estrangeiros, cujos nomes se incluem na lista anexa, e compõe-se de 3 volumes, no formato 215x280 m/m, I e II em brochura e o III em caixa de folhas soltas com poemas, desenhos e pinturas de alguns dos colaboradores. Todos os volumes serão inseridos numa caixa de cartão, forrada a linson e papel chagrin.

A tiragem será de 2000 exemplares para a edição normal e de 200 para a edição especial, sendo nesta os volumes I e II cartonados.

Haverá uma tiragem especial fora do mercado destinada exclusivamente aos colaboradores, a título gratuito.

Com os nossos melhores cumprimentos.

UM ADMINISTRADOR,

*(Handwritten signature)*  
JOÃO DE ALMEIDA RICARDO

## BRASIL

### LIVRARIA CAMÕES

RIO DE JANEIRO—Rua Bittencourt da Silva, 12-C—Telef. 242-8583.

### GABINETE PORTUGUÊS DE LECTURA

RECIFE—PERNAMBUCO—Rua Imperador, 290—Telef. 242-2593.

## LIVRARIAS DO ESTADO

ISSOA-1—Rua do Marquês de Sá da Bandeira, 16-A e 16-B—Telef. 450 41 e 57 47 68.  
ISSOA-2—Rua de Escola Politécnica—Telef. 67 11 41 e 67 11 42.  
ISSOA-3—Rua de D. Francisco Manuel de Melo, 5—Telef. 68 75 43.  
ISSOA-4—Avenida do Dr. António José de Almeida—Telef. 77 31 81.  
COIMBRA—Avenida de Fernão de Magalhães, 456—Telef. 2 60 92.  
P O R T O—Praça de Guilherme Gomes Fernandes, 84—Telef. 31 92 06 e 31 91 66.



IN MEMORIAM DE RUBEN ANDRESEN LEITÃO

Colaboração de:

Abreu, Theodora Andresen de  
Affonso, Sarah  
Albuquerque, Martin de  
Almeida, João Charters de  
Almeida, Lúcia Machado d'  
Almeida, Margarida Lopes d'  
Amado, Jorge  
Amaro, Luís  
Andresen, Sophia de Mello B.  
Andresen, Tomaz  
Araújo, Laís Corrêa de  
Averim, Ricardo  
Azevedo, Fernando de  
Baptista, Jacinto  
Barata, Mário  
Belchior, Maria de Lourdes  
Bello, Manuel  
Blanco, José  
Botelho, Carlos  
Boxer, Charles R.  
Branco, João de Freitas  
Branco, Marie A. L. de Freitas  
Brass, Denis  
Bullough, Geoffrey  
Caeiro, Clivio  
Cargaleiro, Manuel  
Carmo, José Palla e  
Carvalho, Haul de  
Castelo, Branco, Fernando  
Chicó, Maria Alice Tavares  
Cinatti, Ruy  
Clasen, Kurt Meyer  
Coelho, Eduardo Prado  
Coelho, Jacinto do Prado  
Coelho, João Furtado

Coelho, Nelly Novaes  
Correia, Joaquim Martins  
Correia, Natália  
Cortez, F. Russel  
Costa, José Pereira da  
Cruz, António  
Cruz, Liberto  
Da Cal, Ernesto Guerra  
Denis, Brass  
Dias, Cicero  
Dourdil, Luís  
Duarte, António  
Ehrardt, Marion  
Esteves, Juvenal  
Fernandes, F. da Silva  
Fernandes, R. Miguel Rosado  
Ferrão, Bernardo  
Ferreira, Paulo  
Ferro, Luís dos Santos  
Feyo, Salvador Barata  
Fragoso, João  
Fragoso, José Manuel  
França, José Augusto  
Freire, Gilberto  
Gonçalves, Manuel  
Guerra, Luiz de Bivar  
Guerreiro, Manuel Viegas  
Guimarães, Fernando Lobato  
Gusmão, Artur  
Hatherly, Ana  
Henriques, Lagoa  
Iria, Alberto  
Lapa, Manuel  
Leitão, José Andresen  
Leitão, Ruy



Lemos, Merícia de  
Lepecki, Maria Lúcia  
Lima, Francisco Negrão de  
Lima, Alfredo Viana de  
Lobo, Carlos  
Lorena, Leonor de Carvalho Daun e  
Lourenço, Eduardo  
Lousada, António  
Lucas, Fábio  
Macedo, Jorge Borges de  
Marques, A. Henrique de Oliveira  
Martins, Armando Tavares Alves  
Martins, José V. de Pina  
Martins, S. J. Mário  
Mathias, Leonardo  
Matos, Luís de  
Mello, Pedro Homem de  
Mendes, Saudade Cortesão  
Menez  
Montello, Josué  
Moura, Helena Cidade  
Mourão-Ferreira, David  
Nabuco, José Thomaz  
Nadal, Emília  
Neto, João C. de Melo  
O'Neill, Alexandre  
Paixão, Vitor Manuel Braga  
Palma-Ferrera, João  
Perdigão, José de Azeredo  
Pereira, Júlio Maria dos Reis  
Portugal, José Blanc de  
Quadros, António  
Raposo, José Maria de Paiva  
Rebelo, Luís de Sousa  
Rego, Raul

Resende, Júlio  
Ribas, Tomás  
Ribeiro, José A. da F. Sommer  
Ribeiro, Orlando  
Rocha, Andrée Crabbé  
Rosa, António Ramos  
Ruas, Henrique Barrilaro  
Russell, Peter E.  
Sampayo, Nuno de  
Seabra, António  
Semke, Hein  
Serpa, Alberto de  
Serra, Mécia  
Serrado, João Estevão Lopes  
Serrão, Joaquim Verissimo  
Serrão, Joel  
Silva, Agostinho da  
Silva, Alberto da Costa e  
Silva, Carlos Baptista da  
Silva (Almarjão), José M. da C.e  
Simões, João Gaspar  
Siqueira, Nuno  
Skapinakis, Nikias  
Sousa, Marcelo Rebelo de  
Szenes, Arpad  
Tamen, Pedro  
Tavares, Salette  
Távora, Maria L. L. de Faria e  
Telles, Augusto C. da Silva  
Torga, Miguel  
Trigueiros, Luís Forjaz  
Viana Filho, Luís  
Vieira da Silva, Maria Helena  
Villas-Boas, José Manuel  
Wallenstein, Carlos